

Relações Retóricas de Lista e de Sequência Estabelecidas por Orações Paratáticas Aditivas e por Orações Paratáticas Justapostas: Uma Investigação Funcionalista

LIST AND SEQUENCE RHETORICAL RELATIONS HELD BY
PARATACTIC ADDITIVE CLAUSES AND JUXTAPOSED PARATACTIC CLAUSES:
A FUNCTIONAL STUDY

Juliano Desiderato **ANTONIO***
Marília Gabriela **RÚBIO****

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar como as relações retóricas de lista e de sequência são estabelecidas por meio de orações coordenadas aditivas, orações coordenadas justapostas e complexos oracionais formados por esses dois tipos de orações. A pesquisa se fundamenta na Teoria da Estrutura Retórica (RST – *Rhetorical Structure Theory*), e o *corpus* é constituído de cinco elocuições formais do tipo aula. A análise do *corpus* permitiu verificar que o conectivo *E* foi o único utilizado pelos informantes do *corpus* para estabelecer a relação de lista. A correlação modo-temporal mais utilizada com a relação de lista foi de formas verbais no presente do indicativo. As ocorrências da relação de lista foram consideradas simétricas (os elementos coordenados podem permutar de posição sem alteração semântica), com algumas exceções. Ao investigar-se a relação de sequência,

* Pós-doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (2011), campus de São José do Rio Preto. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (2004), campus de Araraquara. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (1998), campus de Araraquara. É docente da Universidade Estadual de Maringá. Contato: prof.jdantonio@gmail.com.

** Mestre em Letras - Estudos Linguísticos (2011) pela Universidade Estadual de Maringá. A pesquisadora recebeu bolsa da CAPES para realização da pesquisa. Contato: lila_rubio@yahoo.com.br.

constatou-se que, havendo adição entre os membros coordenados, fez-se apenas o uso do conectivo *E*. Todas as ocorrências do *corpus* foram consideradas assimétricas (os elementos coordenados não podem permutar de posição), uma vez que a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal. Observou-se, também, que eventos pretéritos favorecem a relação de sequência devido à necessidade de o falante narrar ou relatar um evento seguindo a ordem icônica.

Palavras-chave: Construções paratáticas. Relação de lista. Relação de sequência.

Abstract: This study aims to investigate how list and sequence rhetorical relations are held by means of paratactic additive clauses and juxtaposed paratactic clauses and by means of clause complexes formed by these two types of clauses. The research is based on Rhetorical Structure Theory (RST), and the research *corpus* consists of five lectures. By means of the analysis, it was possible to observe that *E* was the only connective used in list relation. The most frequent time-mood correlation with list relation presented verb forms in present tense. The instances of list relation were considered symmetrical (coordinated elements may switch positions without semantic change), with some exceptions. When investigating the sequence relation, it was possible to find out that the only connective used was *E*. Regarding the symmetry/asymmetry parameter, all occurrences were symmetric (coordinated elements cannot switch position) as sequence relation presupposes time subsequence. Past events favor sequence relation due to the need of the speaker to narrate or report an event following iconic order.

Key-words: Paratactic constructions. List Relation. Sequence Relation.

Introdução

Até a primeira metade do século XX, os estudos linguísticos privilegiavam os aspectos formais da língua, considerando a frase o nível máximo de análise. Com o surgimento de teorias que têm como objeto o estudo da língua em uso, o texto e o discurso passaram a ser considerados objetos de investigação da Linguística (KOCH, 1988). Dentre essas teorias que incluem em suas análises fatores pragmáticos estão as chamadas teorias

funcionalistas. Do ponto de vista dessas teorias, as expressões linguísticas, segundo Antonio (2009), não são estudadas isoladamente, mas levando-se em conta os propósitos para os quais foram utilizadas nos textos em que ocorrem.

As relações que se estabelecem entre as partes do texto e entre as orações são importantes para conferir unidade ao texto, tornando-o coerente. Os falantes, ao produzirem o seu discurso, esperam atingir seus propósitos de comunicação sobre seu destinatário, seja para persuadir, levar a acreditar, levar a concordar, seja para informar.

Uma teoria que tem como escopo o estudo dessas relações que se estabelecem entre partes do texto é a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST), desenvolvida na década de 1980 pelos linguistas William Mann, Christian Matthiessen e Sandra Thompson, dentre outros. A RST é uma teoria de caráter descritivo que procura estudar a organização textual por meio das relações implícitas que se estabelecem entre as partes do texto.

A identificação das relações apoia-se em critérios funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar a maneira como o texto produziu o efeito desejado em seu receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto e tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, mas não tem acesso direto ao produtor do texto, não podendo afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN; THOMPSON, 1988). Dessa forma, as proposições relacionais são fundamentais para a coerência textual, já que surgem de cada relação estabelecida dentro de sua estrutura e, por isso, não precisam ser expressas, necessariamente, por algum marcador formal.

Taboada e Gómez-González (2005) afirmam que há duas questões relevantes a serem analisadas na identificação das relações: mostrar como as relações implícitas podem ser identificadas e como as relações marcadas formalmente podem ser interpretadas claramente. Este trabalho procura, de certa forma, tocar nessas questões, conforme pode ser observado nos objetivos propostos a seguir.

Como objetivo principal, propõe-se a investigação, em um *corpus* constituído de 5 elocuições formais do tipo aula, das relações retóricas de lista e de sequência por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por oração coordenada aditiva e oração coordenada justaposta.

Outro objetivo deste trabalho é tentar descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações e procurar explicar, a partir do levantamento dos dados, como essas marcas podem ajudar na distinção entre as relações. Pretende-se, dessa forma, contribuir para a melhor caracterização da expressão linguística dessas relações na modalidade oral do português brasileiro.

Este trabalho encontra justificativa no fato de, a partir da descrição de como são expressas as relações, auxiliar possíveis trabalhos de ensino de escrita que tomam por base a RST. Além disso, essa descrição também pode auxiliar nos trabalhos de Linguística Computacional que, com base na RST, tratam de sumarização e geração de textos. A descrição desses parâmetros tem como virtude permitir a identificação mais segura e com menor margem de erro das relações pelo computador.

1 Fundamentação Teórica

1.1 Orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas

De acordo com Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), a coordenação pode ocorrer (i) por justaposição ou (ii) por coordenação explícita:

(i) as orações estão unidas sem nenhum mecanismo de ligação

Cheguei em casa, vi televisão.

(PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 868)

(ii) as orações unem-se por meio de uma conjunção coordenativa que indica a relação semântica entre os elementos: adição, disjunção e adversidade

Entenderam, *mas* não gostaram, *né?*

(PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 867)

Segundo essas autoras, a coordenação explícita se dá por meio de conjunções que expressam diferentes valores semânticos: adição – objeto de estudo desse trabalho – disjunção e adversidade. São consideradas conjunções de adição as formas *e* e *nem* (com valor negativo).

A relação de adição pode ocorrer entre pares ou entre conjuntos de elementos que funcionam como um único elemento da estrutura em qualquer

função sintática. Segundo as autoras, há casos, entretanto, em que, por razões discursivas, não se pode permutar a ordem da coordenação, a saber, motivação icônica, gradação semântica, razões pragmáticas, relações anafóricas, idiomatismos.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) acrescentam, ainda, que a conjunção coordenativa *e* pode não aparecer com seu valor semântico prototípico, ou seja, valor de adição. Sendo assim, há casos em que o conectivo *e* aparece, especialmente, em contextos adversativos e conclusivos.

Ao trabalhar com a adição entre sentenças, Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) distinguem as do tipo simétrico e as do tipo assimétrico. A questão da reversibilidade é o ponto central entre elas, ou seja, nas construções simétricas, uma mudança na ordem entre os membros coordenados não altera o sentido do todo, enquanto, nas construções assimétricas, a reversibilidade não é admitida.

Segundo as autoras, nas sentenças simétricas, os membros da adição são independentes entre si, isto é, nenhum membro adiciona significados ao outro. Já na coordenação assimétrica, tem-se a ideia de que um membro conduz ao outro e que nenhum seria verdadeiro se os que o precedem não o fossem também. Percebe-se, assim, que o conjunto é mais importante que a soma das partes. A assimetria pode ocorrer também devido a uma ordem cronológica com valor icônico.

1.2 Teoria da Estrutura Retórica (RST)

A RST, fortemente influenciada pelo Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (ANTONIO, 2009), foi desenvolvida na década de 1980, no Instituto de Ciências de Informação da Universidade do Sul da Califórnia, pelos pesquisadores William Mann, Christian Matthiessen e Sandra Thompson, dentre outros (TABOADA, 2006).

Inicialmente, o trabalho tinha como objetivo pesquisar a geração automática de textos, pois até então não havia uma teoria sobre a estrutura ou sobre as funções discursivas adequadas para gerar textos. Como o estudo residiu no fato de que cada porção de um texto coerente tem uma função, ele passou a ter grande relevância nos estudos linguísticos no que se refere à coerência e aos estudos da organização textual.

Assim, pode-se dizer que, no campo da Linguística, a RST é uma teoria descritiva que tem como objeto o estudo da organização textual,

caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN; THOMPSON, 1988). Segundo a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, existem também as proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, originárias das relações que se estabelecem entre as porções do texto. De acordo com Mann & Thompson (1983), as proposições relacionais estão presentes em todo o texto, desde porções maiores até as relações entre duas orações. Essas relações são responsáveis pela coerência textual, permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

A estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Na figura 1, por exemplo, a relação de elaboração tem por objetivo o acréscimo de informações, no satélite (unidades 2 e 3), a respeito do núcleo (unidade 1).

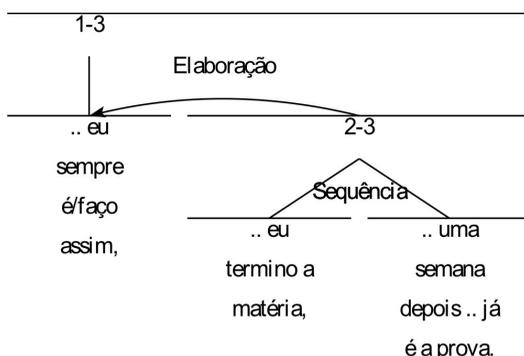


Figura 1 – Exemplo de diagrama da RST

Mann & Thompson (1988), após analisarem centenas de textos por meio da RST, estabeleceram uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações¹. Essa lista não é considerada finita, mas suficiente para descrever as relações presentes nos textos.

Em termos de organização, as relações são divididas em dois grupos:

a) relações núcleo-satélite, em que a porção do texto satélite é

¹ A lista das relações pode ser encontrada em <<http://www.sfu.ca/rst>>.

dependente da porção núcleo. A porção núcleo é considerada mais central para os propósitos do produtor do texto, ao passo que a porção satélite acrescenta informações a respeito do conteúdo da porção núcleo.



Figura 2 – Esquema de relação núcleo-satélite

- b) relações multinucleares, em que as porções do texto são independentes entre si, ou seja, cada porção vai ser um núcleo distinto.



Figura 3 – Esquema de relação multinuclear

As relações estabelecidas entre as orações podem ser descritas a partir da intenção comunicativa do produtor do texto, bem como da sua avaliação sobre o destinatário. A identificação das relações apoia-se em critérios funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar a maneira como o texto produziu o efeito desejado em seu receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto e tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, mas não tem acesso direto ao produtor do texto, não podendo afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN; THOMPSON, 1988). Dessa forma, as proposições relacionais são fundamentais para a coerência do texto, já que surgem de cada relação estabelecida dentro de sua estrutura e, por isso, não precisam ser expressas, necessariamente, por algum marcador formal (TABOADA, 2009).

Não se deve conceber que apenas marcadores discursivos (entendidos aqui em sentido *lato* como qualquer conjunção, proposição, locução conjuntiva

etc que estabeleça relação entre orações ou entre porções de texto) podem sinalizar relações retóricas. Para Taboada (2009), há outras marcas formais além dos marcadores discursivos que podem indicar relações retóricas, como tempo, modo, encaixamento sintático, significado do verbo, implicaturas conversacionais etc.

2 Análise dos Dados

Nos quadros 1 e 2 a seguir, apresentam-se as definições das relações de lista e de sequência, respectivamente.

Quadro 1 – Definição da relação de lista

Nome da relação	Condições em cada par de N (núcleos)	Intenção do falante
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N por meio de uma relação de Lista	O destinatário reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados

Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 278. (tradução nossa).

Quadro 2 – Definição da relação de lista

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do falante
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	O destinatário reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 278. (tradução nossa).

Como pode ser observado nas definições, a diferença entre as duas relações reside no fato de que, na relação de lista, as orações trazem conteúdos semelhantes, ao passo que, na relação de sequência, há sucessão temporal entre os conteúdos das orações.

No quadro 3 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais que podem realizar linguisticamente a relação de lista.

Quadro 3 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

	N	%
Orações coordenadas justapostas	27	65,8
Orações coordenadas aditivas	11	26,9
Orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas	3	7,3
TOTAL	41	100%

As orações coordenadas justapostas são as mais utilizadas pelos informantes do *corpus* para realizar a relação de lista (65,8% das ocorrências). É o que ocorre no exemplo da figura 4 a seguir, em que as orações trazem informações semelhantes, comparáveis entre si.

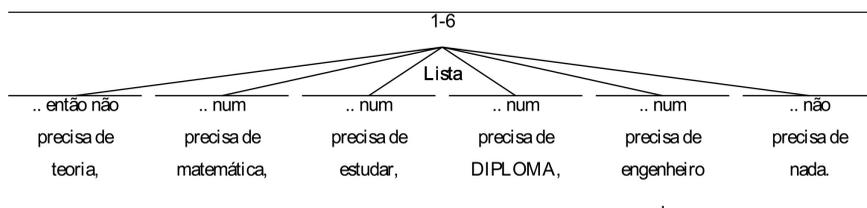


Figura 4 – Relação de lista entre orações coordenadas justapostas

No exemplo da figura 5, observa-se a relação de lista, que é estabelecida por orações coordenadas aditivas (26,9% das ocorrências).



Figura 5 – Relação de lista entre orações coordenadas aditivas

No exemplo da figura 6, há um complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva que estabelece a relação de lista (7,3% das ocorrências).

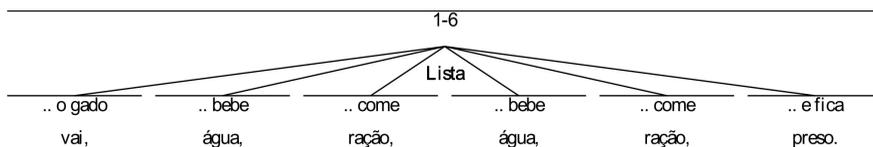


Figura 6 – Complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva estabelecendo relação de lista

Em relação aos conectivos, deve-se observar que, tanto no caso das orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 5) quanto no caso dos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 6), o *e* foi o único conectivo utilizado pelos informantes do *corpus* no estabelecimento da relação de lista.

As orações coordenadas aditivas e as orações coordenadas justapostas que estabelecem a relação de lista no *corpus* desta pesquisa podem formar complexos oracionais compostos por duas, três, quatro, cinco ou mais orações, como pode ser observado no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

	N	%
Duas orações	23	56,1
Três orações	10	24,4
Quatro orações	5	12,2
Cinco ou mais orações	3	7,3
TOTAL	41	100

A partir do quadro 4, pode-se observar que, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência

no *corpus*. A preferência dos informantes é por complexos oracionais formados por duas orações (56,1% das ocorrências), como no exemplo da figura 5, ao passo que complexos oracionais formados por cinco ou mais orações, como do exemplo da figura 4, têm frequência de ocorrência de 7,3%.

No quadro 5 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de lista.

Quadro 5 – Tempos e modos verbais das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

	N	%
Presente	27	65,9
Infinitivo	4	9,8
Pretérito imperfeito	3	7,3
Pretérito perfeito + Presente	3	7,3
Presente + futuro	2	4,9
Pretérito perfeito	1	2,4
Futuro	1	2,4
TOTAL	41	100%

A frequência de ocorrência mais alta é de complexos oracionais como do exemplo da figura 4, formado por orações no presente do indicativo (65,9%). Oração no infinitivo como na figura 7 são responsáveis por 9,8% das ocorrências.

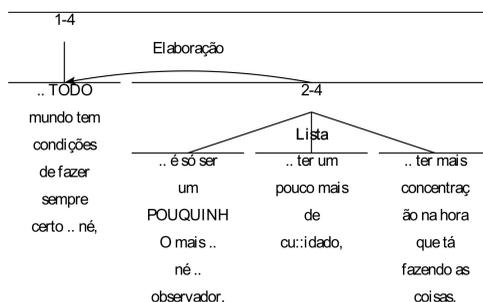


Figura 7 – Complexo oracional formado por orações no infinitivo estabelecendo relação de lista

Complexos oracionais formados apenas por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 8) bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo, como no exemplo da figura 5, representam 7,3% das ocorrências cada.

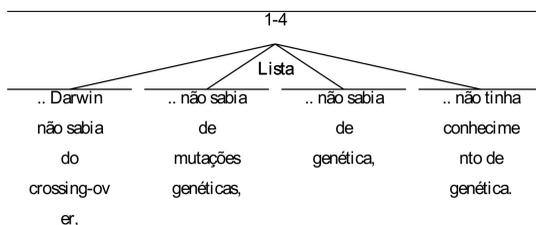


Figura 8 – Complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo relação de lista

Complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 9) são responsáveis por 4,9% das ocorrências.

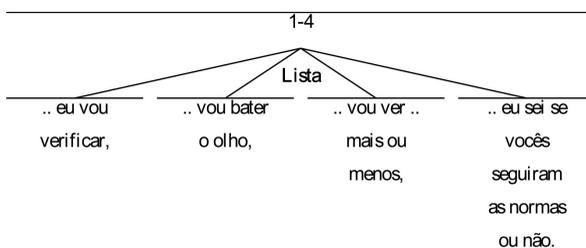


Figura 9 – Complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista

Por fim, complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo (exemplo da figura 10) e complexos oracionais formados por orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 11) apresentam frequência de ocorrência de 2,4% cada.

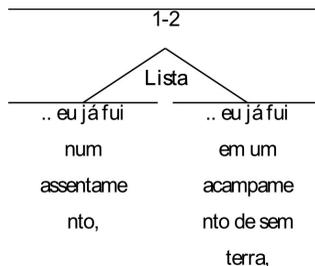


Figura 10 – Complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de lista

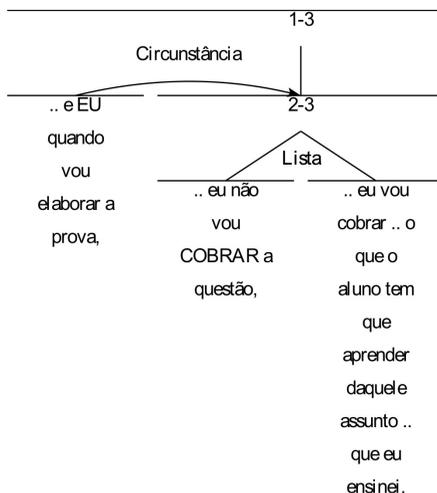


Figura 11 – Complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista

No que diz respeito ao parâmetro simetria/assimetria, observa-se que, na relação de lista, pode haver simetria, como ocorre com a maioria das ocorrências analisadas no *corpus* desta pesquisa. No entanto, há ocorrências que não são simétricas, como nos exemplos dos diagramas 4 e 5. No caso de 4, não se pode alterar totalmente a ordem da última oração que retoma todos os elementos citados nas orações. Nesse exemplo há uma gradação de argumentos: o mais forte é o último. No caso de 5, o informante não teria como falar o nome do livro se, antes, não tivesse mencionado o livro.

Ocorre o contrário com a relação de sequência, em que todas as ocorrências são assimétricas, ou seja, não pode haver permuta entre as orações sem que se altere o sentido entre os membros coordenados. Isso ocorre porque a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal. É o que pode ser observado no exemplo da figura 12 a seguir, em que as porções de texto de 1 a 4 correspondem a eventos relacionados linearmente e constituem núcleos distintos, motivo pelo qual a relação que se estabelece entre eles é de sequência.

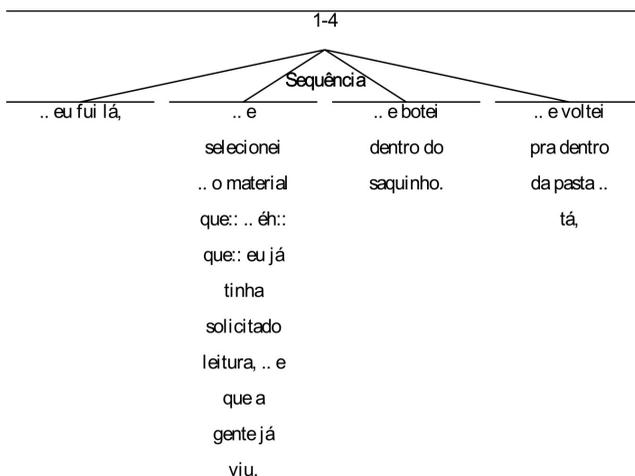


Figura 12 – Relação de sequência caracterizada pela assimetria entre as orações que compõem os complexos oracionais

No quadro 6 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais que podem realizar linguisticamente a relação de sequência.

Quadro 6 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no *corpus*

	N	%
Orações coordenadas aditivas	33	64,7
Orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas	10	19,6
Orações coordenadas justapostas	8	15,7
TOTAL	51	100%

As orações coordenadas aditivas são as mais utilizadas pelos informantes do *corpus* para realizar a relação de sequência (64,7% das ocorrências), enquanto as orações coordenadas aditivas que estabelecem a relação de lista correspondem a apenas 26,9% das ocorrências. A maior frequência de orações coordenadas aditivas na relação de sequência do que na relação de lista está relacionada, possivelmente, ao uso de conectivos sequenciadores temporais, uma vez que a relação de sequência pressupõe a subseqüência temporal entre os eventos codificados pelas orações. É o que ocorre no exemplo da figura 13, em que as orações trazem uma relação de sucessão entre os núcleos.

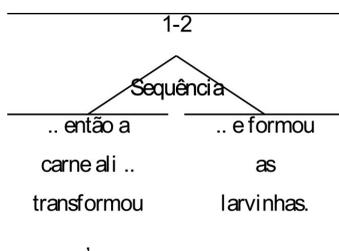


Figura 13 – Relação de sequência entre orações coordenadas aditivas

No exemplo da figura 14, observa-se um complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva estabelecendo uma relação de sequência (19,6% das ocorrências).

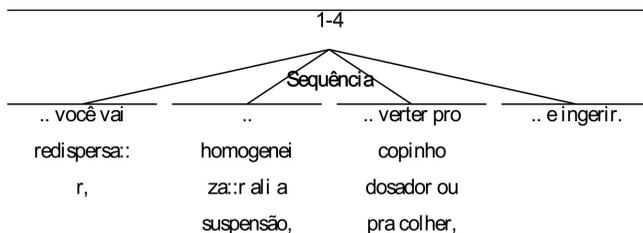


Figura 14 – Relação de seqüência nos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e oração coordenada aditiva

No exemplo da figura 15, observa-se a relação de seqüência estabelecida entre orações coordenadas justapostas (15,7% das ocorrências).

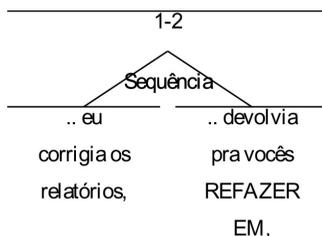


Figura 15 – Relação de seqüência entre orações coordenadas justapostas

Em consequência do fato de os falantes utilizarem com maior frequência orações coordenadas aditivas para estabelecer relação de seqüência, observa-se que as orações coordenadas justapostas têm apenas 15,7% das ocorrências no estabelecimento dessa relação.

Em relação aos conectivos, deve-se observar que, tanto no caso das orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 12) quanto no caso dos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 14²), o *E* foi o único

² As seqüências verbais **vai redispersar**, **vai homogeneizar**, **vai verter** e **vai ingerir** constituem locuções verbais com o verbo **ir** em função de auxiliar, já gramaticalizado. Logo, não se trata de orações encaixadas (NEVES, 2004).

conectivo utilizado pelos informantes do *corpus* no estabelecimento da relação de sequência, assim como no estabelecimento da relação de lista.

No que diz respeito ao número de orações que compõem os complexos oracionais, as orações coordenadas justapostas e as orações coordenadas aditivas que estabelecem a relação de sequência no *corpus* desta pesquisa podem formar complexos oracionais compostos por duas, três, quatro, cinco ou mais orações, como pode ser observado no quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – Quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no *corpus*

	N	%
Duas orações	36	70,6
Três orações	9	17,6
Quatro orações	5	9,8
Cinco ou mais orações	1	2
TOTAL	51	100

Nota-se que a preferência dos informantes é por complexos oracionais formados por duas orações (70,6% das ocorrências), como no exemplo da figura 13, ao passo que complexos oracionais formados por cinco ou mais orações têm frequência de 2% de ocorrência. Esses dados mostram que, assim como na relação de lista, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência no *corpus*.

No quadro 8 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de sequência.

Quadro 8 – Tempos e modos verbais das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de seqüência no *corpus*

	N	%
Presente	25	49
Pretérito perfeito	9	17,6
Futuro	5	9,8
Pretérito imperfeito	4	7,8
Pretérito perfeito + presente	3	5,9
Imperativo afirmativo	3	5,9
Presente + Infinitivo	1	2
Futuro do subjuntivo	1	2
TOTAL	51	100%

A frequência de ocorrência mais alta é a de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo como no exemplo da figura 16 e no exemplo da figura 17 (49%).

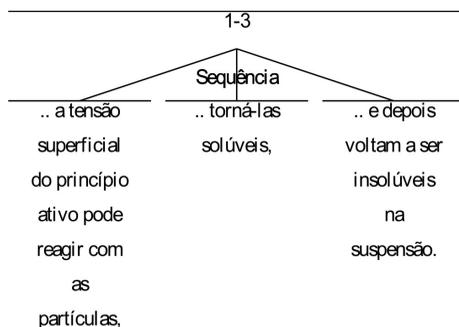


Figura 16 – Complexo oracional formado por orações no presente do indicativo



Figura 17³ – Complexo oracional formado por orações no presente estabelecendo relação de sequência

Orações no pretérito perfeito como na figura 13 são responsáveis por 17,6% das ocorrências. Complexos oracionais formados por orações no futuro correspondem a 9,8% da frequência de ocorrência (exemplo da figura 18).

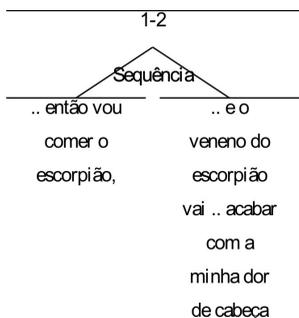


Figura 18 – Complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de sequência

Complexos oracionais formados apenas por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 15) correspondem a 7,8% da frequência de ocorrência.

³ As seqüências verbais **nós podemos diluir** e **(nós podemos) chegar** apresentam a locução verbal com o modalizador **podemos** (NEVES, 2004).

A frequência de ocorrência de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo equivale a 5,9%, como no exemplo da figura 19.

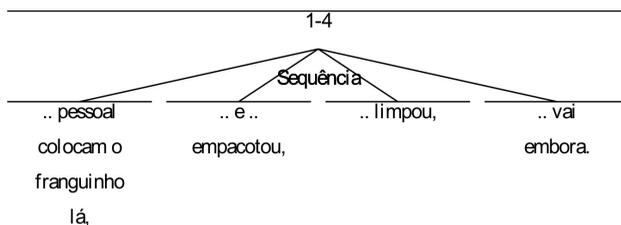


Figura 19 – Complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de sequência

Complexos oracionais formados por orações no imperativo afirmativo também têm frequência de 5,9% (exemplo da figura 20).

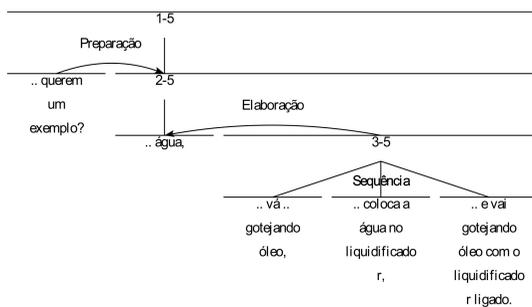


Figura 20 – Complexo oracional formado por orações no imperativo afirmativo

Complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no infinitivo correspondem a 2% da frequência de ocorrência no *corpus* (exemplo da figura 21), assim como complexos oracionais que formam orações no futuro do subjuntivo (exemplo da figura 22).



Figura 21 – Complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e no infinitivo

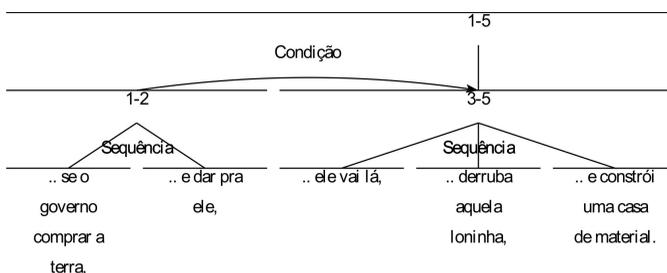


Figura 22 – Complexo oracional formado por orações no futuro do subjuntivo

Ao final da análise das relações de lista e de sequência, percebe-se que, enquanto a relação de lista aponta uma frequência de ocorrência de 65,9% em orações no presente do indicativo, a relação de sequência apresenta uma frequência de ocorrência de 49% em orações no presente do indicativo, ou seja, tem-se uma diferença de 16,9%. Por outro lado, realizando-se a soma da frequência de ocorrência em que há o pretérito (perfeito e imperfeito), na relação de sequência, tem-se 31,3% das ocorrências, ao passo que, na relação de lista, a frequência é de apenas 17%. Conclui-se, portanto, que, se o falante relata um evento pretérito, ele prioriza a relação de sequência em comparação com a relação de lista. Essa preferência ocorre devido à necessidade de o falante narrar ou relatar um evento ocorrido que, conseqüentemente, deve seguir a ordem icônica em que foi realizado, como se vê no exemplo da figura 23 a seguir.

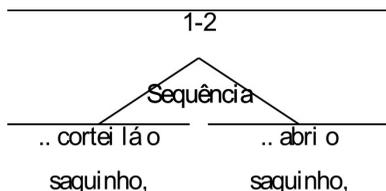


Figura 23 – Complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de sequência

Conclusão

Neste trabalho, procurou-se verificar, à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST), como as relações retóricas de lista e de sequência são estabelecidas por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por esses dois tipos de orações. Pretendeu-se, também, descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações, procurando explicar, a partir do levantamento dos dados, como essas marcas podem ajudar na distinção entre as relações. Para isso, foi utilizado um *corpus* constituído de cinco elocuições formais pertencentes ao banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná).

No que se refere à frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais, observou-se que as orações coordenadas justapostas são mais utilizadas pelos informantes para estabelecer linguisticamente a relação de lista (63,4%) e, quando o falante optou por complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas (26,9%), o conectivo *E* foi o único utilizado.

A correlação modo-temporal mais frequente na relação de lista foi de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo (65,9%). Isso ocorre, porque, na relação de lista, não há subsequência temporal e os elementos coordenados são comparáveis entre si.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, observou-se que, na relação de lista, pode haver simetria, uma vez que a maioria das ocorrências apresentou essa característica. No entanto, também pode haver ocorrências assimétricas. Em um dos casos, houve uma gradação de argumentos, ou seja, o último elemento coordenado retomava os elementos anteriores. No outro

caso assimétrico, os elementos coordenados não puderam sofrer alteração por uma questão referencial.

Na relação de sequência, as orações coordenadas aditivas são mais utilizadas pelos informantes para estabelecer a relação de sequência (62,7%). Essa frequência está relacionada, possivelmente, ao uso de conectivos sequenciadores temporais, pois a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal entre os eventos codificados pelas orações.

A correlação modo-temporal mais frequente para se estabelecer a relação de sequência se deu em complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo (49%). Porém, realizando-se a soma das ocorrências em que o evento pretérito (perfeito e imperfeito) ocorreu, tem-se uma frequência de 31,3%. O evento pretérito apareceu em praticamente todas as ocorrências, porque o falante narra ou relata um evento ocorrido que segue a ordem icônica que foi realizado.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as ocorrências da relação de sequência presentes no *corpus* foram consideradas assimétricas, pois, para não alterar o sentido entre os membros coordenados, não pode ocorrer comutação entre eles.

Embora a identificação das proposições relacionais deva se basear apenas em critérios funcionais (MANN; THOMPSON, 1988), a identificação de marcas caracterizadoras das relações retóricas pode ser muito útil não apenas para o trabalho de descrição linguística, mas também para o ensino de escrita e para a geração e sumarização automática de textos. Dessa forma, há necessidade de se empreender outras investigações desse tipo para descrever como tantas outras relações retóricas se manifestam linguisticamente. Também é importante que esses estudos levem em conta os mais diversos gêneros textuais, nas modalidades de língua oral e escrita. Uma futura investigação poderia, por exemplo, comparar os resultados obtidos nesta pesquisa, desenvolvida em um *corpus* de língua falada, com resultados obtidos em outro gênero da língua escrita para verificar se a manifestação linguística dessas relações é a mesma em gêneros diferentes e em modalidades diferentes. Espera-se, portanto, que os resultados obtidos com este trabalho sirvam de base para aplicações práticas da RST e estimulem trabalhos semelhantes com outras relações retóricas.

Referências

ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Orgs.). *O texto como objeto de ensino de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Ed. da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

KOCH, I. V. Linguística do Discurso: o salto qualitativo. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 2., Londrina, 1987. *Anais...* Londrina: UEL, 1988. p. 200-212.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2004.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN-TOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do Português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

TABOADA, M.; GÓMEZ-GONZALEZ, M. L. A. Coherence relations in Functional (Discourse) Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZALEZ, M. L. A. *Studies in functional discourse grammar*. Berne: Peter Lang, 2005. p. 227-259.

TABOADA, M. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, v. 38, n. 4, p. 567-592, 2006.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 127-140.